

CLIPPING

11 de Outubro de 2018
O Liberal – Magazine, 01

Arte Pará começa em sua 37ª edição

EXPOSIÇÃO “Área Indígena” nordesteia convite para 21 artistas que participam do Salão

Com extensa trajetória de premiações, fluxo de críticos e vitrine de artistas da contemporaneidade, a 37ª edição do Arte Pará foi aberta, ontem à noite, no Museu da Universidade Federal do Pará (UFPA), em Belém. O evento envolveu diversos artistas, estudantes, jornalistas e apreciadores das artes de modo geral. Hoje, a programação conta com a conferência “Diálogos indisciplinados: crítica, curadoria e história da arte. O lugar do Arte Pará no circuito internacional” com a professora Dra. Elaine Caramella no Museu da UFPA, às 19h.

Neste ano, o tema “Área Indígena” norteou o convite para 21 artistas que expõem seus trabalhos tanto no Museu da UFPA como no Museu Emílio Goeldi, onde parte da mostra também está disponível para visitação. Uma das coordenadoras do evento e curadora adjunta, Vera Leal Machado, explica que os núcleos curatoriais dentro do tema foram divididos entre vídeos e pinturas - que estão em exposição no Museu da UFPA - e fotografias, que ganham espaço no Museu Goeldi, na Rocinha. O Salão termina no dia 11 de novembro.

Para ela, o projeto é uma forma de resistência. “Estamos resistindo em fazer um Salão



de 37 anos. É um dos mais longínquos do Brasil, que acontece sem interrupção. Considero isso de extrema importância no quesito resistir e ter essa responsabilidade social. A arte ensina a ver. Não é só a exposição em si, mas é principalmente essa questão das ações educativas que acontecem nos espaços expositivos após a abertura do evento”.

O projeto, que ao longo de quase quatro décadas premiou diversos artistas, se tornou um incentivador do cenário artístico do norte brasileiro. Para Roberta Maiorana, coordenadora e curadora adjunta, eventos como o Arte Pará apostam no fomento à arte como forma de combate à violência. “A arte liberta. A Fundação Romulo Maiorana quer investir nisso porque somos completamente contra qualquer tipo de violência. (...) Queremos estar cada vez mais perto dos artistas para podermos agregar junto a eles. É por isso que estamos dando certo há 37 anos. Porque nós e os artistas somos parceiros e estamos em comunidade”, avaliou.

Representantes das ORM, patrocinadores e convidados na inauguração do Arte Pará. O artista Xadalu (RS), da etnia Guarani, fez uma intervenção durante a abertura.

Com um trabalho de pintura sobre tela de 1992 intitulado “Sebastião e seu pião”, Dina de

Oliveira conta que o trabalho artístico surgiu em um período em que a artista morava na cidade de São Paulo. “Esse trabalho é antigo e faz parte de um momento de uma série de trabalhos em que eu morava em outra cidade. Foi um momento em que eu queria muito trabalhar essa imagem de quem eu era. Acho que foi uma forma de tratar a minha identidade em São Paulo”, explica ela, que já foi premiada em três edições do Arte Pará, nos anos 1982, 1986 e 1987. “O Salão tem sido um grande rio por onde tem passado muita energia artística”, comentou.

ICONOGRAFIAS

Para Nina Matos, que conta com um trabalho em série - “Belles”, “Galeria” e “Passeio” - de construção digital e pintura



sobre tela de 2018 em exposição, o trabalho reflete uma realidade amazônica e social que perpassa pelos povos mestiços. “O que eu fiz foi baseado em um trabalho que

venho desenvolvendo desde 2015 em iconografias históricas e de reflexões sobre essas imagens de um passado que foi construído a custo de apagamentos culturais. Trago um foco social e político de toda essa visão”, detalha a artista, que usou imagens do período da Belle Époque para construção do trabalho artístico.

Para o curador-geral Paulo Herkenhoff, o evento demonstra uma capacidade permanente de busca de novos caminhos. “Em meio à crise e às transformações do país, o Arte Pará se propõe a avaliar dois movimentos da arte que indicam o lugar social da arte na

Amazônia”, comenta. Para ele, a escola do tema “Áreas Indígenas é extremamente importante na atualidade. “O Arte Pará cumpre uma dupla missão nesse tempo em que novas ondas fascistas trazem a ameaça velada para o futuro próximo, mas muito forte, de nova onda de efeitos genocidas”, afirmou.

Irene Noronha Seabra, diretora acadêmica da Faculdade Integrada Brasil Amazônia (Fibra), patrocinador Máster do evento, destaca a importância do projeto de fomento à cultura contemporânea. “Além de ser um

evento muitíssimo importante pra nossa região, estado e Brasil de modo geral, a gente entende que as pessoas precisam ter uma formação também voltada à arte. A gente entende que existe crescimento onde existe arte e a gente acha importante participar por isso”, destaca. Além da Fibra, o evento também conta com apoio da Sol Informática.

Serviço:

→ Conferência com a professora Dra. Elaine Caramella

→ Hoje, às 19h, no Museu da UFPA

